

# Amar o mar, as águas, os sonhos e outras formas de sentir na construção poética de Vera Duarte

**Patrícia Camargo**

*Mestranda em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa  
UFF – Universidade Federal Fluminense  
E-mail: tantalos2005@yahoo.com.br*

---

**RESUMO:** Nesse trabalho procuramos elaborar uma análise crítica sobre a literatura cabo-verdiana contemporânea, através de uma reflexão das produções poéticas da escritora Vera Duarte. Tendo por objetivo mostrar como essa poeta em seus escritos, ao mesmo tempo em que discute criticamente a realidade local de Cabo Verde, apresenta uma visão abrangente sobre os sentimentos humanos, ela não cria em sua poesia um confronto com o passado literário de Cabo Verde, mas, sim, reverencia esse passado (unindo tradição e modernidade), discutindo através de sua produção literária aspectos nacionais e universais. Uma escritora com um pé no chão, na *realidade de Cabo Verde* e outro em *Pasárgada*.

...

“Pessoas às vezes adoecem de gostar de palavra presa  
Palavra boa é palavra líquida  
escorrendo em estado de lágrima  
lágrima é dor derretida  
dor endurecida é tumor  
lágrima é alegria derretida  
alegria endurecida é tumor  
lágrima é raiva derretida  
raiva endurecida é tumor  
lágrima é pessoa derretida  
pessoa endurecida é tumor  
tempo endurecido é tumor  
tempo derretido é poema.”  
(Viviane Mosé – Pensamento Chão, 2001)

Esse trabalho ganhou corpo em meio a um seminário elaborado durante o curso intitulado *A Alquimia do Canto*, ministrado pela professora Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco, no Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, onde foi apresentada uma proposta de leitura do texto *Duarte: Vera Poesia Multifacetada no espelho Cabo-Verdiano*, escrito por Maria do Carmo Sepúlveda, que faz parte do livro *África & Brasil: letras em laços*.

O ensaio de Maria do Carmo Sepúlveda tem início com uma proposta de *encontro*, pois nós enquanto leitores quando travamos contato com qualquer tipo de produção literária, temos de nos por em diálogo numa perspectiva de troca com o outro e no texto literário. Vejamos como Sepúlveda (2000. p.329) ilustra esse encontro com as Literaturas Africanas, especialmente a literatura cabo-verdiana:

Desafio primeiro lançado à face de quem deseja conhecer o mistério de suas origens: aventurar-se mar adentro para, desfazendo o caminho trilhado para cá há tanto tempo, penetrar nas densas e misteriosas florestas da África ainda tão desconhecidas por nós. Caminhar alguns passos com esse povo irmão, sondar-lhes os desejos, conhecer seus conflitos, viver com eles as injustiças das desigualdades e festejar com alegria a conquista da liberdade. Escutar sua voz e reconhecer nela o timbre de uma angústia que também é nossa. Desafio irrecusável, promessa de reconhecimento. Encontro.  
Assim, pelas mãos sedutoras da literatura africana, chegamos a Cabo Verde.

A primeira indagação que nos vem em mente nessa perspectiva de encontro será: quem é a escritora Vera Duarte<sup>1</sup>? Mais que fazer uma explanação biográfica sobre a

---

<sup>1</sup> Poeta, romancista e ensaísta, Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Martins, nasceu em 02 de outubro de 1952, na cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente, formou-se em Direito na Universidade Clássica de

autora, preferimos mostrar que estamos falando de uma grande mulher dedicada às causas sociais de seu país, uma poeta que trata do universo feminino de um modo singular, Vera Duarte é uma escritora extremamente talentosa que procurou em seus escritos traçar um perfil abrangente sobre os mais variados temas:

Conhecer Vera Duarte é descobrir a vera-poesia em suas múltiplas faces: guerrilheira corajosa, mulher apaixonada, feminista combatente, socióloga convicta. Tentamos desvelar um pouco dessa pluralidade e nos interrogamos perplexas: quem é essa mulher tão forte, tão frágil, tão humana, tão poesia? (Sepúlveda, 2000. p.330)

Vera Duarte, ao mesmo tempo em que discute criticamente a realidade local de Cabo Verde, apresenta uma visão abrangente sobre os sentimentos humanos, ela não cria em seus escritos um confronto com o passado literário de Cabo Verde, mas, sim, reverencia esse passado (unindo tradição e modernidade), discutindo através de sua produção literária “aspectos nacionais e universais.” (Gomes, apud Chaves & Macêdo, 2006.p.170). Uma escritora com um pé no chão, na *realidade de Cabo Verde* e outro em *Pasárgada*. Em relação a esse mito baseado na poesia de Manuel Bandeira, afirma Simone Caputo Gomes (apud Chaves & Macêdo, 2006.p.167): “O mito de Pasárgada, ressaltado por Bandeira, permanece na memória de vários poetas cabo-verdianos, seja para parafraseá-lo ou recusá-lo ideologicamente.”

Podemos observar que Vera Duarte sempre deixa claro em seus escritos o quão importante é pensar criticamente a história de seu país e de seu tempo, mas sempre criando um espaço de contato com o sonho e o imaginário, o lugar onde Pasárgada se oferece em estado de *morada da poesia*, o espaço da ficção.

Vera Duarte compõe uma *poesia do “sentir”*, cujo desejo é o de voltar-se para o interior do humano, por conta das desilusões decorrentes do período do pós-independência, visto que as utopias revolucionárias não vieram a se concretizar, em meio ao desencanto por conta do enfraquecimento do posicionamento crítico social, e o forte impacto da despolitização, criaram nos escritores cabo-verdianos uma sensação de

---

Lisboa, em Portugal. É Juíza Desembargadora e presidente da Comissão Nacional dos Direitos Humanos e da Cidadania de Cabo Verde. Desempenhou ainda os cargos de Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça, de Procuradora da República, de Diretora Geral de Estudos, Legislação e Documentação do Ministério da Justiça, de Conselheira do Presidente da República, de Membro do Conselho Superior da Magistratura Judicial e de Diretora Geral dos Assuntos Judiciário do Ministério da Justiça. (Rozário, 1999. p. 101)

“vazio” e na tentativa de dar conta dessa angústia, os escritores buscavam uma subjetividade pautada na *troca afetiva*:

O compromisso, dessa maneira, deixa de ser um pacto tramado com instâncias exteriores aos homens e passa a penetrar na interioridade destes. Transforma-se, assim, em uma “política dos afetos”, espaço intervalar entre indivíduos capazes de criar uma cidadania ativa, uma vez que a liberdade não mais se apresenta como algo messiânico vindo de fora, mas como um processo tecido entre múltiplas e diversas subjetividades. (Secco, 1999)

A fim de melhor compreender o como se estrutura as produções poéticas de Vera Duarte, realizaremos, a seguir, uma pequena análise de alguns poemas da escritora, e seguiremos a separação temática proposta por Maria do Carmo Sepúlveda (2000), cujos principais elementos simbólicos são divididos do seguinte modo: *ciclo das águas*, poesias sobre *a chuva e o mar*; ciclo referente às tensões entre *Eros X Thanatos*; e *a poesia de luta* (ou poesia social).

Quando temos em mente o primeiro o ciclo, o das águas, especificamente o papel do mar, percebemos que o mesmo oferece um fascínio notável na produção poética de Vera Duarte: “em entrevista concedida à professora Simone Caputo Gomes, em novembro de 1994, Vera assim se define: “Sou um poeta do mar, o mar é uma paisagem que nunca frustra. É sempre belo, é sempre azul, é sempre redentor”. (Sepúlveda, 2000. p.330)

Mas é importante ressaltar que as representações simbólicas referentes ao mar sempre foram muito utilizadas nas produções poéticas cabo-verdianas, ocorre que existe uma profunda diferença no que tange ao trabalho com essas construções, realizados pelas escritoras contemporâneas:

As metáforas marítimas sempre estiveram presentes nas composições poéticas de Cabo Verde, mas, nas primeiras gerações, o oceano aparecia como elemento enclausurador. As mulheres encontravam-se presas ao cais, esperando, submissas, os amantes, filhos e marido s que saíam para a pesca da baleia, emigravam para a América ou iam estudar em Portugal. O mar como magma da memória e do inconsciente feminino é uma conquista da novíssima poesia cabo-verdiana. (...) Com uma poética de contestação da submissão feminina, o eu-lírico rompe com a idéia do “cais da saudade” (“cais da *sôdade*”, em crioulo) que sempre aprisionou as mulheres cabo-verdianas ao espaço circunscrito das ilhas. Assumindo-se também narrador, o sujeito-poético mergulha em uma poesia confessional, autobiográfica que instaura uma “escrita de mulher”. (Secco, 1999)

As águas, a chuva, o mar, passam a ser assim uma constante na poética de Vera Duarte, seus escritos estão marcados por essa fonte caudalosa que se quer em movimento, há uma busca por transformar a linguagem poética em um espaço de fluidez das águas, como se cada palavra utilizada por Vera estivessem em estado de constante umidade.

O primeiro poema que iremos analisar, pertencente ao ciclo das águas, irá mostrar de modo claro, esse *novo olhar* sobre o papel do mar na realidade da mulher cabo-verdiana:

#### Abandono

Não quero mais tornar  
ao agreste abandono das praias  
onde  
em nocturna violência  
tua ausência me despedaçou

Meu corpo fundiu-se nas grossas areias  
e ao amanhecer  
só  
meus lábios tinham o estranho sabor das algas

Meu corpo  
estátua quente  
incrustado nas rochas negras  
foi invadido pelos bichos  
e sepultado no frio salgado das ondas

Meu corpo  
de um só amor bebido pelas águas  
desapareceu líquido no mar.  
(Vera Duarte apud Sepúlveda, 2000. p.344)

Nesse poema, vemos que o tema central será uma projeção subjetiva que impele um afloramento do “sentir”. Desse modo, apesar do eu lírico pronunciar a violência por conta da ausência do ser amado, que gera uma fragmentação, um estilhaçamento de suas bases, mas esses estilhaços que resultam desse ato de despedaçar -se não pode ser encarado como algo destruidor, e sim como um fator reativo que gerou uma transformação. No poema não há um desejo de lamentação, por conta dessa perda, existe sim uma busca do humano por ir fundindo-se gradativamente, em diferentes níveis, ao ambiente da natureza. Chegando a tal ponto, que o corpo tomado por uma força

graciosa das águas, símbolo máximo da libertação, entra em um processo de simbiose plena com o mar.

Esse corpo que o poema evoca, pode ser entendido como o próprio corpo da linguagem poética, que quer unir-se ao mar, na busca por uma forma de liberdade plena. Ou seja, é uma poesia que mostra um sujeito-poético consciente de sua força transformadora. Percebemos assim, um *erotismo do ambiente* confluindo para um *erotismo da linguagem*.

Analisaremos agora, ainda no ciclo das águas, outros dois poemas cuja temática será a chuva:

Chuva

Quero olhar-te com obcecação  
até que meus olhos se fartem  
da beleza muda  
de tuas rochas pedindo chuva

chuva! chuva!  
poemas de chuva caindo  
vozes pedindo chuva  
bocas sedentas  
terra à espera de chuva

o chão queimou-se ao sol  
as vozes calaram-se  
e os poemas esqueceram-na

as dores avolumaram-se  
mas a chuva não veio  
transformar em alegria  
a longa angustiada espera

mamãe!  
quero enfim descansar  
emba-me em teu regaço  
e conta-me aquela história linda  
do ano das boas “às águas”.  
(Vera Duarte apud Sepúlveda, 2000. p.333)

Esse poema de certo modo dialoga com o poema anterior se observarmos que: novamente temos uma soma entre o humano e a natureza, e nos primeiros versos, vemos que esse recurso possibilita um vínculo entre o *erotismo do ambiente* que deságua em um *erotismo da linguagem*.

Já na segunda estrofe, atentamos para a relação do cabo-verdiano com a chuva, sendo esta ilustrada de um modo singular, pois surge num crescente de “vozes pedindo chuva”, como um clamor desesperado, mas que se cala ao perceber que esta não atende os seus pedidos, é como se a chuva se recusasse a ouvir aquele apelo, ela desdenha do

povo sofrido. Assim, diante da inútil espera pela chuva, em meio a tanta dor e sofrimento, o eu lírico evoca a presença da mãe, buscando na memória da infância um tempo feliz, “banhado” por recordações boas.

Analisaremos outro poema que também discute a importância das chuvas para o cidadão cabo-verdiano:

Ai se um dia...

Ai se em outubro chovesse  
a terra molhasse  
o milho crescesse  
e a fome acabasse

Ai se o milho crescesse  
a fome acabasse  
o homem sorrisse  
e a terra molhasse

Ai se o homem sorrisse  
A terra molhasse  
A fome acabasse  
E a chuva caísse

Ai se um dia...

Acordaremos, camaradas,  
As chuvas de outubro não existem!  
O que existe  
É suor cansado  
Dos homens que querem

O que existe  
É a busca constante  
Do pão que abundante virá

Homens, mulheres, crianças  
Na pátria livre libertada  
Plantando mil milharais  
Serão a chuva caindo  
Na nossa terra explorada.

(Vera Duarte apud Sepúlveda, 2000. p. 331)

Esse poema divide-se em três momentos: desejo, conscientização e luta. O primeiro momento, formado pelas três primeiras estrofes todas com verbos no subjuntivo, passando uma imagem de dependência, do desejo de chuva como um símbolo de alimento e vida, assim toda idéia de contento e felicidade estavam associados à presença da chuva.

Até que surge um monóstico terminado por reticências, e a partir daí o verbo passa para o modo imperativo, há um processo de conscientização, de convocação ao

pensamento crítico, o eu lírico chama a atenção de todos para as verdades. Para que se possa superar essa dependência com relação à chuva era preciso uma nova atitude da população, pois uma revolução, uma mudança real da condição social do povo caboverdiano deveria perpassar por uma conscientização da importância do papel de cada pessoa nessa luta, tanto assim que nos versos em que todos são convocados “homens, mulheres e crianças”, percebemos que não importa sexo ou idade, todos devem estar juntos para que as mudanças possam se concretizar.

Assim ao final, diante da consciência sobre a importância da luta, na última estrofe conclui-se que somente juntos é possível vencer qualquer adversário, até mesmo a natureza impiedosa.

Veremos a seguir, um exercício poético que propõe realizar uma travessia imaginária (entre o real e o sonho) procurando fixar uma ponte da realidade para o espaço mágico do onírico, trata-se do ciclo de tensões entre Eros X Thanatos:

Seguindo o fio dos dias que vãmente se escoaram, contarei a história dolorosa, de travessia imaginária, cumprida ao som de vozes e emoções, na mais obsessiva solidão que um outubro comportou.

Encontrávamo-nos quase no dobrar do derradeiro século do milênio mil, tão rico, injusto e mal vivido, e a quentura do dia fizera da noite um oásis glorioso.

Suaves companhias enchem os ares de palavras ternas e acordes harmoniosos faziam estremecer os ramos das árvores que generosamente nos cercavam. Discretamente Baco passeava por entre os presentes oferecendo taças de líquido âmbar.

Subitamente, ansiadamente, encontrei-me a seu lado.

O calor das suas mãos nas minhas, inverossimilmente próximas, ofuscou-me. A cabeça perdida em pensamentos distantes descaiu ligeiramente sobre o bouquet de flores silvestres que se oferecia em acres odores. Em louco percurso fenomenológico, ultrapassado o decênio mutilado, revivo-te a meu lado.

a secretária  
a rua  
o sol e a bruma  
desenham-se em trajecto alucinado  
e a tua ausente proximidade me enlouquece  
... quem nos cerca?

Anelante permaneço sentada à sombra de árvore frondosa em jardim inexistente enquanto a história se desdobra em minhas mãos.  
(Vera Duarte apud Sepúlveda, 2000. p. 336)

A primeira parte do exercício poético narra a história da travessia até o espaço do onírico, de início ocorre uma descrição das mazelas que marcaram a realidade dos tempos, depois há uma passagem para um local todo especial, este será o ambiente do



*Reino de Eros*. Esse espaço será descrito como um lócus da emoção e da beleza, uma metáfora do *Éden*. Em meio a esse espaço de prazeres, surge até mesmo a presença de Baco, representando um convite ao contato com as realizações de vastos desejos, também possibilitando um estímulo aos sentidos, tornando-os agudos, tal qual o paladar, um convite a beber o néctar da volúpia, simbolizado pelo vinho. Dessa forma, as sensações se aguçam, e notamos uma busca pelo próprio erotismo da linguagem.

Até que, num dado momento há um retorno gradual a realidade, e constatando a distância entre o real e sonho, Thanatos entra em cena e abre espaço para o sofrimento, a solidão, a dor e o desejo de morte. A poesia de Vera Duarte instaura esse confronto constante entre Eros e Thanatos, pois atesta que em meio a essas duas faces da moeda, no sentimento de perda e ausência, na condenação da morte pode-se fazer uma transformação, um início de algo novo, o espaço da poesia, da beleza e do amor: “transcender a dor, superar a separação através da palavra é revelar o belo e resgatar o prazer”. (SEPÚLVEDA, 2000. p. 337)

O último poema a ser analisado encontra-se no ciclo da *poesia de luta* (ou poesia social):

Amigo

Vem amigo  
encher de presença o vazio da noite  
trazer lembranças de um tempo de luta  
de homens  
irmãos  
guerrilheiros  
de homens irmãos  
limpando o sangue  
ouro brilhante  
de amor simples  
das terras amizade  
de África cativa  
num mundo cheio de vazio  
Vem amigo...  
estarei esperando  
atrás da porta  
da casa desfeita  
preparando as armas  
para que a batalha seja breve  
e rompa  
no céu claro da nossa terra  
a mais bela madrugada.  
(Vera Duarte apud Sepúlveda, 2000. p. 341)

O cunho social expresso por esse poema apresenta a memória da luta pela libertação concretizada pelo poder da união, do amor, de ideais comuns, mas que se deu

à custa de muito sangue. Quando um verso aponta para o “vazio” percebemos que evoca o tempo do pós-independência em Cabo Verde, onde as distopias vão imperar, por conta do enfraquecimento e despolitização no que tange às utopias revolucionárias.

Porém mesmo em meio a todo esse sofrimento “da casa desfeita” é necessário romper com essa condição e lutar pela liberdade real e plena, lutar pela realização do sonho de uma nova sociedade melhor e mais justa para Cabo Verde. Por isso esse fecho clamando pela “mais bela madrugada”, trata-se da enunciação do “novo dia”, e caberá ao poeta lutar para que esse sonho venha a se concretizar.

É interessante ressaltar que, as análises realizadas nos poemas de Vera Duarte nesse trabalho tiveram por foco as abordagens do ensaio de Maria do Carmo Sepúlveda, logo a maioria das poesias escolhidas fazem parte do livro *Amanhã madrugada* (1993). Já que os poemas do livro *O Arquipélago da Paixão* (2001) guardam de maneira mais clara uma marca da desilusão da escritora quanto aos graves problemas que assolam Cabo Verde, bem como um diálogo mais preciso com os antecessores artísticos da poesia cabo-verdiana, principalmente com os escritores claridosos, há um maior diálogo entre o passado e a poesia contemporânea de seu país.

Desse modo, podemos entender a produção literária de Vera Duarte como um lócus onde a diversidade temática, a riqueza lírica, o local e o universal, o passado e presente, dialogam, desenvolvendo uma construção artística de alta qualidade, onde *sonho* e *realidade* habitam em comunhão.

### Referências Bibliográficas:

DUARTE, Vera. **Amanhã madrugada**. Lisboa: Veja, 1993.

\_\_\_\_\_. **Arquipélago da Paixão**. Mindelo: Artletra, 2001.

GOMES, Simone Caputo. Rostos, Gestos, falas, olhares de mulher: o texto literário de autoria feminina em Cabo Verde. In: CHAVES, Rita & MACÊDO. Tânia (org.). **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

\_\_\_\_\_. A poesia africana de língua portuguesa em voz de mulher. In: **Cadernos de Letras** – UFF, n. 08, 1993.

MOSÉ, Viviane. **Pensamento Chão**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2001.

ROZÁRIO, Denira. **Palavra de poeta**: Cabo Verde e Angola: entrevistas, antologias, as biografias dos maiores poetas de Cabo Verde e Angola. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Paralelas e Tangentes**: entre literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

SECCO, Carmen Tindó Ribeiro (coord.). **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX**: Cabo Verde. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. v. 2.

\_\_\_\_\_. Algumas tendências da poesia cabo-verdiana hoje. **Revista Confraria**: Arte e Literatura, Rio de Janeiro, n. 18: jan.-fev. 2008. Ensaios. Disponível em: <[www.confrariadovento.com/revista/numero18/ensaio04](http://www.confrariadovento.com/revista/numero18/ensaio04)>. Acesso em: 30 mar. 2008.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. **África & Brasil**: letras em laços. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.